

**RESENHA: O FUTURO DAS LÍNGUAS ÁGRAFAS: UM OLHAR CRÍTICO
À LUZ DO ARTIGO “POLÍTICAS DA UNESCO PARA LÍNGUAS
AMEAÇADAS” DA LARISSA DA SILVA LISBOA SOUZA**

Pedro Djedjo *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0003-7504-7380>

A presente resenha visa analisar o glotocídio das línguas devido à falta de política de planejamento linguístico. Uma análise crítica voltada à valorização das línguas locais do Brasil em colaboração com a UNESCO, a partir do artigo da pesquisadora Larissa da Silva Lisboa Souza, doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Neste artigo, que se tem como base de análise, observou-se que muitas línguas se encontram em extinção, afetando não apenas a comunicação dos seus falantes, como também acaba contribuindo para distanciamento cultural e, conseqüentemente, na perda da identidade linguística, o que nos deixa preocupados enquanto estudiosos da área.

A falta de falantes nativos de uma língua indígena devido à sua desvalorização pelo Estado brasileiro, na medida em que não as aceita como línguas de ensino formal, resulta em perdas de práticas sociais, culturais e até religiosas. A língua sendo um instrumento que carrega a identidade cultural e social, deve ser conservada e promovida pela comunidade linguística, criando meios necessários para a sua documentação tanto nos materiais didáticos, como também no seu estatuto face aos desafios de órgãos de comunicação social, sob pena de estar em perigo de extinção, como descreve o artigo em análise da pesquisadora acima mencionada.

O artigo traz os assuntos que merecem a atenção de todos, sobretudo as autoridades estatais para entenderem a língua como uma arma de “defesa-ataque” e que, portanto, deve ser valorizada. O feito da valorização passa justamente a partir da sua documentação na ciência, na arte literária, na gastronomia e dentre outras áreas de produção de conhecimento.

* E-mail: pedrodjedjo723@gmail.com

Para o entendimento geral sobre os estudos em causa que visam à preservação das línguas ameaçadas no mundo, em especial, as indígenas, que por falta de um Planejamento Linguístico e Cultural (PLC) devido às escolhas parciais das promoções de línguas, estima-se que cerca de mil línguas indígenas estão extintas. De acordo com Camila Costa e a equipe de jornalismo Visual da BBC (2023), o território brasileiro abriga hoje apenas 20% das estimadas. Ou seja, das 1.175 línguas que tinham em 1500, quando chegaram os europeus, hoje o Brasil só conta com um aproximado de 235 línguas.

Dentre o número mencionado, em nenhum momento os dados falam sobre as línguas de sinais ou quantas delas existem e/ou existiam — como se não fossem línguas. Conforme Tamba e Timbane (2024, p.02), a língua é abstrata e se materializa por meio da fala, escrita ou sinal. As línguas de sinais são minoritárias e, em muitos momentos, não recebem a devida atenção por parte da política linguística, o que nos faz questionar se os dados citados correspondem o nosso interesse.

Ora, é urgente deixar claro nesta reflexão que não há um consenso na contagem precisa das línguas indígenas devido aos alguns fatores, nomeadamente, a falta de documentação das mesmas, a não oficialização, a distinção entre línguas e dialetos, a migração e a pressão de português podem levar ao enfraquecimento de línguas, dificultando assim a contagem. No entanto, o Censo 2010 contabilizou 274 línguas indígenas, atualmente no Brasil. Mas, linguistas ligados às principais instituições do país, como o Museu Emílio Goeldi, no Pará, e o Museu do Índio, no Rio de Janeiro, falam em 160 a 180. Se considerarmos dialetos — variações de uma mesma língua que podem ser compreendidas mutuamente — chega-se a 218. (Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idd-2779c755-7af1-495a-a41c-d02995e459b8>)

A maioria das línguas, em especial as indígenas que, são severamente ameaçadas, por exemplo, foram consideradas como patrimônio mundial pela Unesco em 2019, onde se propôs a revitalização e sua manutenção. A pergunta que se faz é: do que adianta considerá-las como patrimônio mundial, uma vez que não há planejamento político e linguístico por parte das

Pedro Djedjo, O futura das línguas ágrafas: um olhar crítico à luz do artigo “Política..
autoridades, enquanto a entidade máxima cujo papel é promover e preservar a identidade nacional, cultural e linguística?

É urgente o “restabelecimento” das línguas em extinção, pois cada comunidade de fala tem suas histórias distintas, culturas e experiências de vida diferentes que só podem ser manifestas em sua língua, o que faz com que a sua perda seja fatal (Amaral, 2020). Nisto, reafirma-se a necessidade de criação de projetos de revitalização de línguas e suas implementações nos ensinos. Conforme o Jornal Oficial da União Europeia (2016), a Unesco indica que uma língua se encontra em extinção quando não preenche um ou diversos critérios científicos como a transmissão de uma geração para outra, sua utilização nos diferentes domínios públicos e privados, tal como o seu estatuto oficial. É nessa onda que a pesquisadora Larissa apresenta algumas ideias, propondo quatro planos de ação com o intuito de contornar o problema em causa.

É importante dizer que os planos aqui apresentados para levantamento dos dados das línguas em extinção, são, na verdade, importantes, pois nos fornecem diferentes horizontes para o entendimento geral do estudo em questão. Conforme Amaral (2020, p.9) é “urgência ter informações de uma determinada língua que se encontra em perigo, podendo dessa forma criar mecanismos e alinhar estratégias para reverter a situação”. A falta de políticas culturais e linguísticas têm contribuído muito para o glotocídio (morte) das línguas como também da própria cultura. Segundo Carvalho e Oliveira (2013, p.113-130), “quando morre uma língua, a maioria do sujeito falante daquela língua morre também, pois morre um conjunto de saberes, tais como, as manifestações culturais, históricas e artísticas que só podem ser expressas e codificadas apenas naquela língua”.

Com a morte de uma língua, morre um conjunto de tradições que estão ornamentadas naquela língua. Com isso, na página (212) do artigo, a pesquisadora Larissa apresenta-nos algumas recomendações da Unesco aos Estados-membros com objetivos emergentes para tomarem medidas a fim de salvaguardar as línguas que se encontram em perigo de extinção. Numa das recomendações, sobretudo a primeira, vê-se a urgência do papel do Estado, enquanto agente conservador e promotor da diversidade linguística, para

assumir suas responsabilidades, o que, infelizmente, não se observa devido às escolhas parciais do governo.

Na verdade, quando se fala das línguas indígenas, fala-se de um assunto urgente. Urgente porque é preocupante, sendo que desde o século XVIII que os indígenas foram proibidos de falar suas línguas maternas, obrigando-os a falar à língua portuguesa, sobrenomes portugueses, casas como nos costumes portugueses com divisões internas, como se essa cultura fosse mais “bonita,” “chique” que as outras (Carvalho e Oliveira. 2013).

Aliás, o mesmo artigo aponta alguns impactos negativos ou as perdas inimagináveis quando uma língua se extingue: extermínio de perda de valores. O artigo propôs algumas atividades a serem desencadeadas com o intuito de resgatar essas línguas, no qual propôs quatro (4) pontos:

No primeiro ponto, fala-se do papel da comunidade linguística enquanto o traço linguístico que carrega consigo os valores culturais e civilizatórios para valorizar e promover sua língua, já que o falante é responsável por transformar a língua consoante a sua realidade (Abdulai Sila, 1995).

Em seguida, destaca-se a promoção das línguas através da sua documentação, elaboração de materiais didáticos, seu *status* social, assim como a sua promoção nas mídias. O artigo fala ainda de “suporte institucional”, isto é, a necessidade de apoiar os estudantes ou os pesquisadores interessados em estudar línguas ágrafas, principalmente, com recursos financeiros e acadêmicos para poderem realizar suas pesquisas de maneira mais sólida e eficaz, contribuindo dessa forma para possíveis publicações de resultados de pesquisas, porque quanto mais informações sobre uma determinada coisa ou objeto, mais recursos ainda para seu contorno.

A partir das informações acessadas, concluiu-se que é urgente que as entidades responsáveis pela preservação e promoção do patrimônio nacional comecem a observar esse fenômeno como algo preocupante, porque as línguas indígenas são essenciais para identidade cultural do seu povo. Elas carregam consigo a herança cultural, tradições, mitos e uma forte relação que reflete entre povo e a ligação com o natural ou “divino”. Sua valorização

Pedro Djedjo, O futuro das línguas ágrafas: um olhar crítico à luz do artigo “Política..
significa a manutenção da cultura exterminada durante séculos de invasão e exclusão no seio da sociedade brasileira.

Referências:

- SOUZA, Larissa da Silva Lisboa. Políticas Da Unesco Para Línguas Ameaçadas. **Língua, Literatura e Ensino-ISSN 1981-6871**, v. 2, 2007.
- AMARAL, Luiz. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 3, p. 01-44, 2020.
- SILA, Abdulai; **A Última Tragédia**, 1995
- CARVALHO, Maria Gabriela Barbosa; OLIVEIRA, Antônio Gonçalves de. Políticas Culturais de Preservação das Línguas dos Povos Indígenas à Luz do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). **Políticas Culturais em Revista**, v. 16, n. 2, p. 113-130, 2023.
- <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idx-2779c755-7af1-495a-a41c-d02995e459b8>
- TAMBA, Pansau; TIMBANE, Alexandre António. A política e o planejamento linguístico na África: caminhos para a valorização das línguas africanas. **Revista Intertexto**, Uberaba, v. 17, n.0, p.1-19, 2024.

Recebido em: 24/04/2026

Aceito em: 08/09/2026

Para citar este texto (ABNT): DJEGO, Pedro. Resenha: O futuro das línguas ágrafas: um olhar crítico à luz do artigo “Políticas da Unesco para línguas ameaçadas” da Larissa da Silva Lisboa Souza. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 3, p.259-263, jun./dez.2026.

To cite this text (APA): Djego, Pedro (jul./dez.2026). Resenha: O futuro das línguas ágrafas: um olhar crítico à luz do artigo “Políticas da Unesco para línguas ameaçadas” da Larissa da Silva Lisboa Souza. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (3): 259-263.